

SIMÕES DE ASSIS



SIMÕES DE ASSIS

Thalita Hamaoui

Auroras

Dawns

abertura opening

sábado, 11 de maio, 11h às 15h

saturday, may 11, 11am to 3pm

11.05 - 06.07.2024

**Balneário Camboriú**

3ª avenida, esquina c/ 3150, S 4

88330-260 sc brasil

+55 47 3224-4676

No constructo da história da visualidade, no entrelaçamento da tecnologia, percepção e sociedade, os dispositivos ópticos modernos influenciaram a visão e impactaram a contemporaneidade. Dispositivos como o caleidoscópio - que deriva das palavras belo, imagem, figura, olhar, observar -, revelam elementos da assimilação imagética humana. Este é composto por um tubo pequeno de cartão ou de metal com pequenos fragmentos de vidro colorido, que se ativam através do reflexo da luz em pequenos espelhos inclinados, culminando em uma série de combinações visuais variadas, gerando padrões de desenho.

A exposição de Thalita Hamaoui, "Auroras", nos demonstra o devaneio do olhar, elaborando no espaço quase como a entrada em um caleidoscópio de padrões botânicos, carregados de brotamentos cromáticos substancialmente vívidos, da investigação da luminosidade sobre os pigmentos, com paisagens que circundam a suspensão do clarear da aurora até a luz solar refletida sobre a lua. O espaço expositivo é ocupado com texturas e uma apreciação vegetal que aflora de modo inigualável na poética desenvolvida pela artista.

O gênero da paisagem em muito se transformou ao longo da história da arte, costumeiramente associado a desenhos de observação e da busca pela representação da natureza, vem sendo resgatado e aclamado como pesquisa diante de sua feitura contemporânea, se expandindo enquanto produção plástica. Realizando uma breve digressão à história dos gêneros pictóricos (esforço árduo, haja vista a compactação de centenas de anos em poucas linhas), pontua-se como a historiografia da arte se demonstra como um reflexo político/social. Circulando o recorte da presença das artistas mulheres no sistema artístico, verifica-se uma exclusão sistemática, ocasionada pelas limitações ao acesso às academias e liceus de artes.

A falta de acesso às aulas de anatomia não as impediu de produzirem, mas recorreram a outros artifícios, como pintarem a si mesmas ou amigos e familiares. Em uma leitura mais prática, isso significou que as artistas se dedicaram menos aos gêneros mais consagrados e quicá mais cobiçados, tais como a pintura histórica ou a pintura mitológica, devido à esta hierarquia. Eram, portanto, condensadas a cultivar outros gêneros considerados menores, como retratos, paisagens e as naturezas-mortas.

Evidentemente que os contextos sociais se transfiguraram com o passar dos séculos e a presença das mulheres artistas na contemporaneidade é devidamente marcante, e Hamaoui contribui para ressaltar a potência da paisagem no campo da arte. Recuando temporalmente, relembremos das naturezas-mortas da pintora holandesa Rachel Ruysch (1664 – 1750), que impressionam por suas representações sofisticadas e detalhadas da flora e da fauna.

A artista produziu ativamente até seus oitenta anos e obteve pareamento com artistas homens de seu período, apesar de pouco inserida/reconhecida nos manuais e livros de história da arte posteriores.

Ruysch e Hamaoui, apartadas por uma lacuna temporal, refletem modos processuais diversos acerca da investigação temática análoga. Notem que a primeira se debruçou sobre a apuração botânica nas naturezas-mortas na era de ouro holandesa, e Hamaoui, alcança a natureza sob uma perspectiva absolutamente vívida e em movimento, suas paisagens são fabulosas, caleidoscópicas, arrebatadoras aos olhos de quem se depara com a composição de cores áureas, em contraponto com matizes taciturnas. Flores e folhagens surgem e ressurgem, atribuindo novos significados ao gênero da paisagem, intensamente dinâmica e enérgica, com cores e formas que se amalgamam em composições singulares e que ativam o sensorial, decantando um quase aroma terroso.

Blocos de cor tangenciam vazios em meio a biomas construídos completamente repletos de pigmentação, criando uma atmosfera inebriante que nos afunda em uma densidade visual, como percebido no trabalho "O Mergulho" (2023) que inaugura a exposição. Outro procedimento utilizado pela artista é o estabelecimento de padrões, camadas de tinta sincronicamente marcadas pelo bastão oleoso, formulando estampas absortas em uma trama repleta de texturas.

Manifesta uma capacidade de navegar em composições que variam entre o diminuto e a dimensão monumental, absolutamente tenazes. Notadamente, destaca-se no espaço expositivo o trabalho "Janela" (2024) pela experimentação com lápis de cor e bastão oleoso. Em formato diverso do retângulo ou quadrado típico da paisagem acadêmica, a obra se torna praticamente um portal, uma fenda no espaço, uma suspensão entre a realidade e um vislumbre de um universo espiritual, de um simbolismo ornamentado.

O que Hamaoui projeta em sua poética é a concepção de um universo botânico que evoca elementos reconhecíveis, mas que de seu modo, dobram a realidade, criando uma flora imaginária, tipicamente Hamaouiana, em que a percepção do olhar se torna ritmada. Com influências, contaminações e prolongações de um trabalho no outro, a artista trilha um percurso potente consolidando a paisagem em um delicado diálogo de elementos que incidem em aplicações cromáticas e infusões de luz, ressaltando o resplendor de tantas auroras - físicas e simbólicas -, que antes vieram e que ainda hão de vir.



In the construction of the history of visibility, in the intermingling of technology, perception and society, modern optical devices have influenced the vision and impacted on contemporaneity. Devices such as the kaleidoscope - which derives from the words beautiful, image, figure, glance, observe - reveal elements of human visual assimilation. It consists of a small cardboard or metal tube with small fragments of colored glass, which are activated by the reflection of light in small, inclined mirrors, culminating in a series of varied visual combinations, generating design patterns.

Thalita Hamaoui's solo exhibition, "Dawns", shows us the reverie of the gaze, elaborating in space almost like entering a kaleidoscope of botanical patterns, loaded with substantially vivid chromatic sprouts, from the investigation of luminosity on pigments, with landscapes that surround the suspension of the dawn's glow to the sunlight reflected on the moon. The exhibition space is filled with textures and a vegetal appreciation that emerges in an unparalleled way in the poetics developed by the artist.

The genre of landscape has changed a lot throughout the history of art, usually associated with observation drawings and the search for a representation of nature, it has been rescued and acclaimed as research in the face of its contemporary making, expanding as a plastic production. Performing a brief digression into the history of pictorial genres (an arduous effort, given that hundreds of years have been compressed into a few lines), points out how art historiography shows itself to be a political/social reflection. Circling back to the presence of women artists in the art system, there was a systematic exclusion, caused by limitations on access to art academies and lyceums.

The lack of access to anatomy classes didn't stop them from producing, but they resorted to other artifices, such as painting themselves or friends and family. In a more practical sense, this meant that the artists dedicated themselves less to the more renowned and perhaps more coveted genres, such as historical painting or mythological painting, due to this hierarchy. They were therefore forced to cultivate other genres considered lesser, such as portraits, landscapes and still-lives.

Evidently, social contexts have changed through the centuries and the presence of women artists in contemporary times is duly remarkable, and Hamaoui contributes to highlighting the power of landscape in the field of art. Stepping back in time, recall the still-lives of the Dutch painter Rachel Ruysch (1664 - 1750), who impresses with her sophisticated and detailed representations of flora and fauna.

The artist produced actively until her eighties and was on a par with male artists of her period, although she was little included/recognized in later art history manuals and books.

Ruysch and Hamaoui, separated by a time gap, reflect different procedural modes of approximate thematic investigation. Note that the former one focused on botanical research in still-lives during the Dutch Golden Age, while Hamaoui explores nature from a vivid perspective and in motion, her landscapes are fabulous, kaleidoscopic, breathtaking to the eyes of those who come across the composition of golden colors, in counterpoint with taciturn hues. Flowers and foliage appear and reappear, giving new meanings to the genre of landscape, intensely dynamic and energetic, with colors and shapes that amalgamate in unique compositions that activate the sensory, decanting an almost earthy aroma.

Blocks of color tangent voids amid constructed biomes filled with pigmentation, creating an inebriant atmosphere that plunges us into a visual density, as seen in the work "O Mergulho" (The dive) (2023), which opens the exhibition. Another procedure used by the artist is the establishment of patterns, layers of paint synchronously marked by the oil stick, formulating templates embedded in an intricate weave of textures.

It shows an ability to navigate compositions that vary between the small and a monumental dimension, absolutely tenacious. The work "Janela" (Window) (2024) stands out in the exhibition space for its experimentation with colored pencil and oil stick. In a different format to the typical rectangle or square of the academic landscape, the work practically becomes a portal, a crack in space, a suspension between reality and a glimpse of a spiritual universe, of ornate symbolism.

What Hamaoui projects in her poetics is the conception of a botanical universe that evokes recognizable elements, but which bends reality, creating an imaginary flora, typically Hamaouian, in which the perception of the gaze becomes rhythmic. With influences, contaminations and extensions of one work into another, the artist follows a powerful path, consolidating the landscape in a delicate dialog of elements that focus on chromatic applications and infusions of light, highlighting the radiance of so many dawns - physical and symbolic - that have come before and that are yet to come.





**Terra, 2023**

óleo e bastão oleoso sobre linho

oil and oil stick on linen

200 x 430 cm

78 ¾ x 169 ¼ in

**Exposição** Exhibition

2023 Thalita Hamaoui: A Terra e o Devaneio da Vontade,  
Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil.



Buquê de Flores, 2023  
óleo e bastão oleoso sobre tela  
oil and oil stick on canvas  
120 x 200 cm  
47 <sup>1</sup>/<sub>4</sub> x 78 <sup>47</sup>/<sub>64</sub> in







**O Mergulho, 2023**

óleo e bastão oleoso sobre tela

oil and oil stick on canvas

140 x 200 cm

55 1/8 x 78 3/4 in

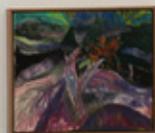
**Exposição** Exhibition

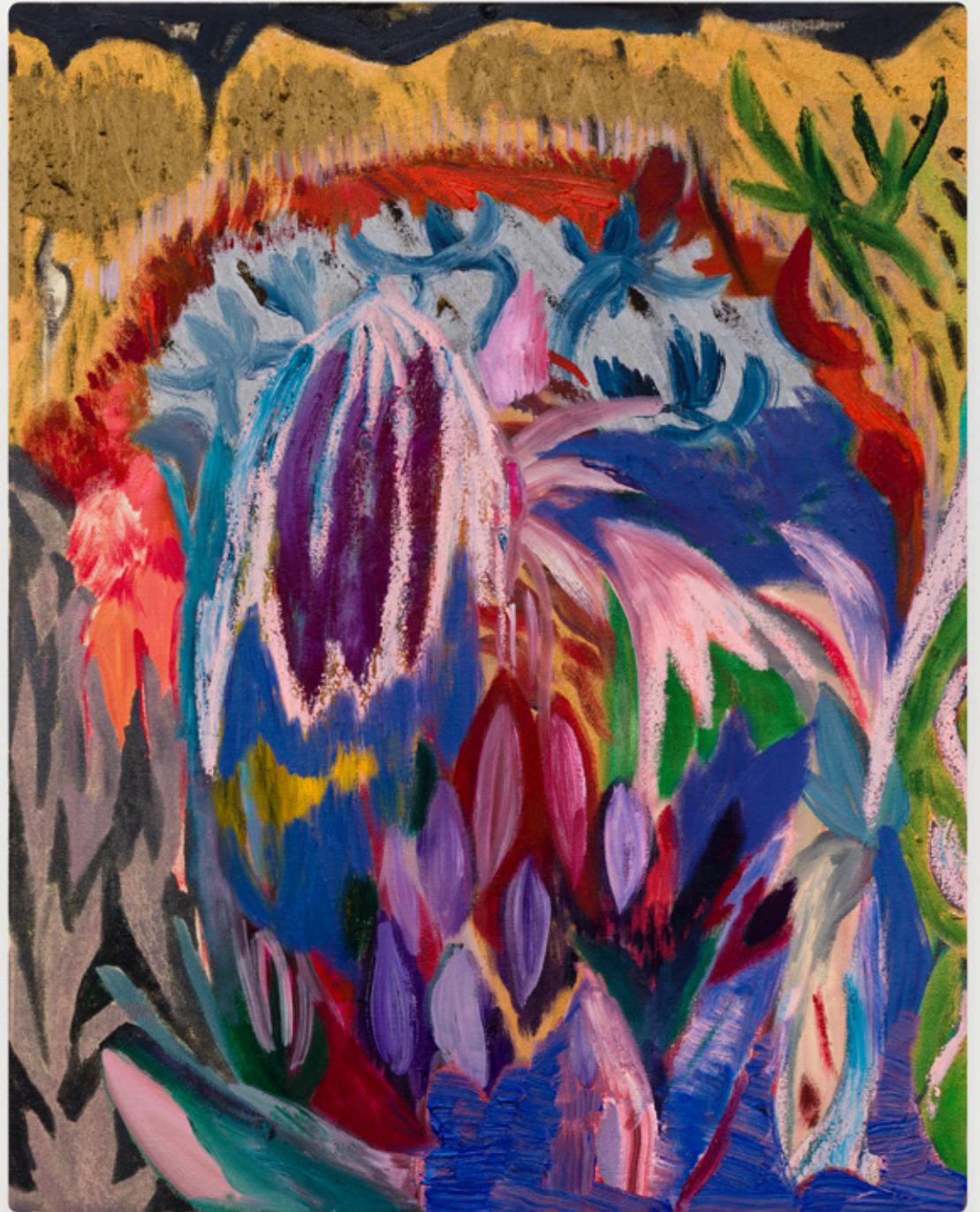
2023 Thalita Hamaoui: A Terra e o Devaneio da Vontade, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil.



Sairas e Sanhaçus, 2023  
óleo e bastão oleoso sobre algodão  
oil and oil stick on cotton  
35 x 40 cm  
13 ¾ x 15 ¾ in







**Flor Roxa é Céu Dourado, 2023**

óleo e bastão oleoso sobre tela

oil and oil stick on canvas

50 x 40 cm

19 11/16 x 15 3/4 in

**Exposição** Exhibition

2023 Thalita Hamaoui: A Terra e o Devaneio da Vontade,  
Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil.





Janela, 2024

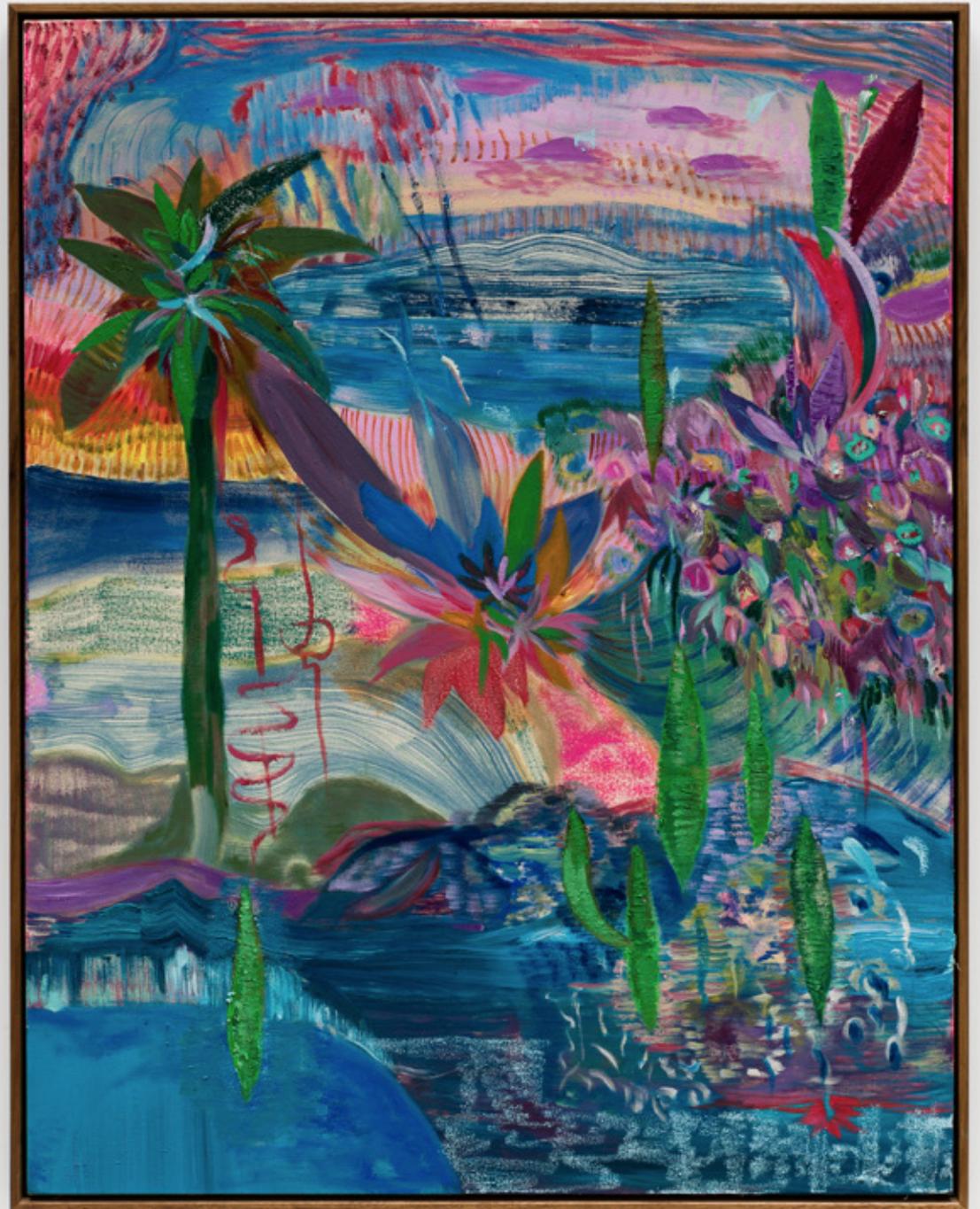
lápiz de cor e pastel oleoso sobre linho  
colored pencil and oil stick on linen

158 x 134 cm

62 <sup>13</sup>/<sub>64</sub> x 52 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> in







Semiluas, 2023  
óleo e bastão oleoso sobre linho  
oil and oil stick on linen  
100 x 80 cm  
39 <sup>3</sup>/<sub>8</sub> x 31 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> in







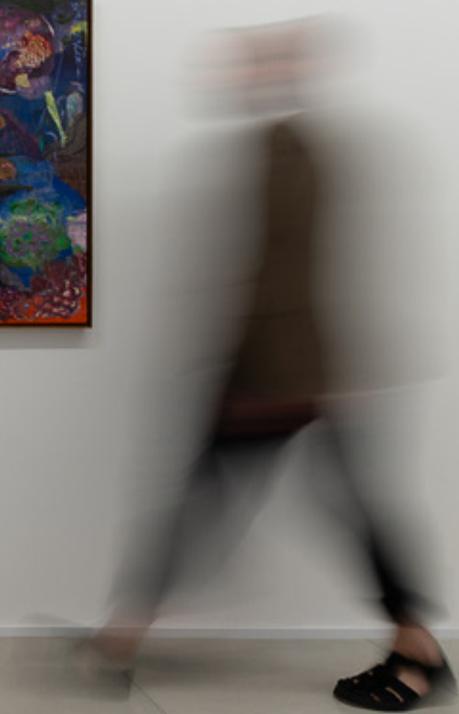
Mãe do Sol, 2024  
óleo e bastão oleoso sobre linho  
oil and oil stick on linen  
98 x 90 cm  
38 <sup>37</sup>/<sub>64</sub> x 35 <sup>7</sup>/<sub>16</sub> in





Lago Azul, 2024  
óleo e bastão oleoso sobre tela  
oil and oil stick on canvas  
120 x 200 cm  
47 <sup>1</sup>/<sub>4</sub> x 78 <sup>47</sup>/<sub>64</sub> in

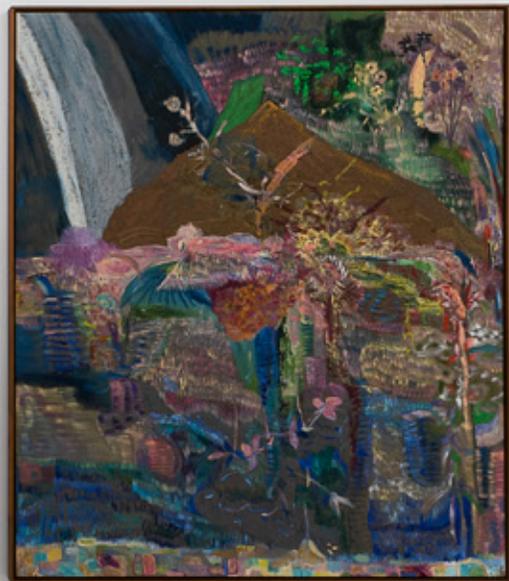


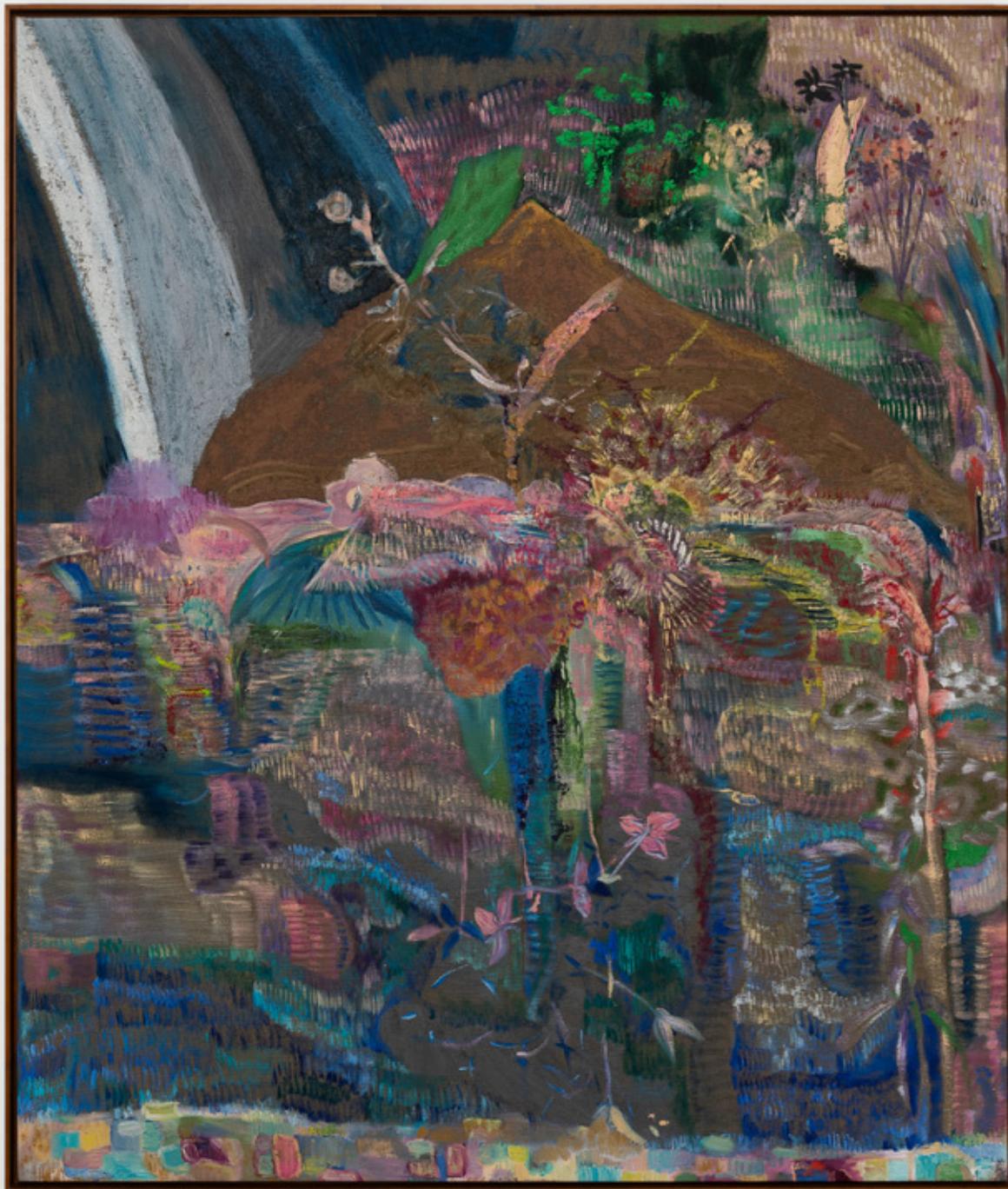




Meia Lua, 2024  
óleo e bastão oleoso sobre tela  
oil and oil stick on canvas  
80 x 100 cm  
31 1/2 x 39 3/8 in







**Auroras, 2024**  
óleo e bastão oleoso sobre linho  
oil and oil stick on linen  
135 x 116 cm  
53 <sup>5</sup>/<sub>32</sub> x 45 <sup>43</sup>/<sub>64</sub> in

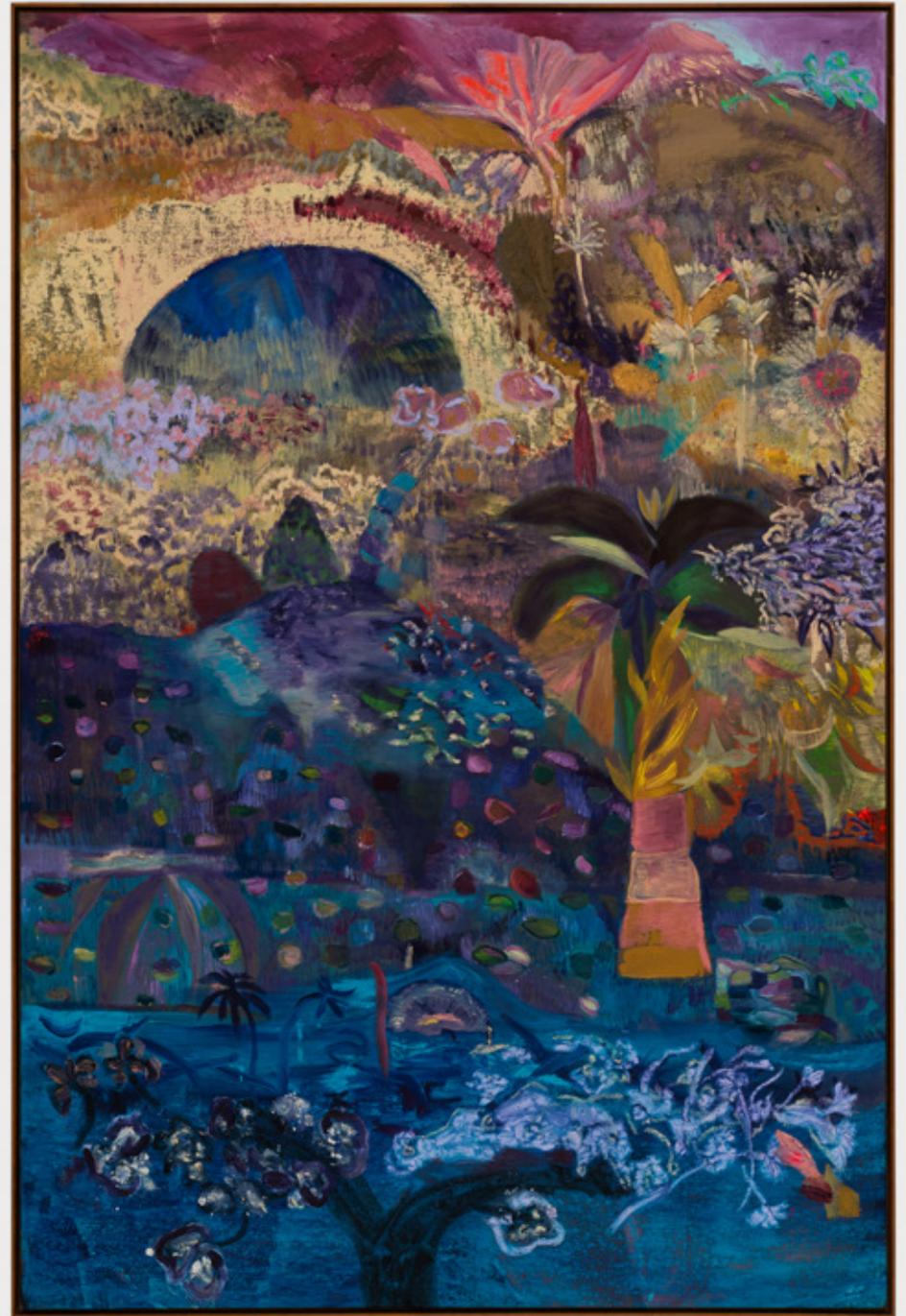


Sol Noturno, 2024  
óleo e bastão oleoso sobre linho  
oil and oil stick on linen  
110 x 90 cm  
43 <sup>5</sup>/<sub>16</sub> x 35 <sup>7</sup>/<sub>16</sub> in





Areia com Flores, 2024  
óleo e bastão oleoso sobre linho  
oil and oil stick on linen  
190 x 128 cm  
74 <sup>51</sup>/<sub>64</sub> x 50 <sup>25</sup>/<sub>64</sub> in







**Thalita Hamaoui** (São Paulo, 1981) formou-se em artes plásticas na Fundação Armando Alvares Penteado, em 2006, sob a orientação de Sandra Cinto, com pesquisa no campo da escultura. Integrou grupos de estudos e acompanhamento com artistas como Bruno Dunley, Marco Gianotti, Rodolpho Parigi e Regina Parra, além de ter participado, em 2018, do programa de residência artística do Pivô. No início de sua trajetória, dedicou-se longamente à estamperia, atividade que sempre a influenciaria. Foi com o design têxtil que suas formas orgânicas começaram a surgir, sendo seu principal interesse a dedicação demorada ao desenho e às cores dos tingimentos.

Em 2013, Hamaoui passou a focar mais sua pesquisa na pintura, por meio da aquarela e do guache. Todavia, foi na experimentação com tinta a óleo que a artista atingiu a potência de sua gestualidade. Em seus primeiros trabalhos no meio, elementos como casas e pessoas ainda habitavam formalmente as composições, mas sempre de maneira secundária – a paisagem completamente tomada pela natureza já era sua personagem central. Essas paisagens que ainda hoje constrói são fantásticas, quase delirantes, nas quais formas orgânicas se apresentam em cores intensas e camadas de diferentes texturas, criando uma atmosfera inebriante.

Suas telas são normalmente produzidas de maneira simultânea, tomando por completo as paredes do ateliê. Algumas demoram meses até serem resolvidas, enquanto outras são finalizadas com muita urgência, imediatas. Hamaoui nunca abandona um trabalho. Ao iniciar duas ou três pinturas ao mesmo tempo, cria um diálogo formal entre elas, que se tornam paralelamente singulares e integrantes de um todo. Dessa forma, a artista vai elaborando um repertório imagético que se repete, mas também se renova, como quem cria um vocabulário próprio dentro das paisagens internas que se erguem pela tinta. Essas formas também são vivas, sempre na iminência da transformação, e provocam movimentos constantes do olhar, que passeia e circula de maneira fluida pela superfície, sem muito distinguir figura e fundo.

Thalita Hamaoui foi selecionada pelo edital do Centro Cultural São Paulo de 2017, realizando "Um Passo Irreparável", sua primeira exposição individual. Entre outras mostras solo estão "A terra e o devaneio da vontade" (2023), Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba; "Virá" (2022), Simões de Assis, Curitiba; "A Borda do Mundo" (2020), Galeria Nave, e "Oferenda" (2019) no ateliê Marilá Dardot, com acompanhamento crítico da artista e de Cristiana Tejo – ambas em Lisboa, Portugal. Dentre participações em coletivas destacam-se "O mar que eu sou" (2023), Simões de Assis, Balneário Camboriú; "Mãe", 55 SP Espaço Cama, São Paulo; "Mothering" (2022), Kupfer Project, Londres; "Emotional Landscapes" (2021) com curadoria de Gisela Gueiros; "Um retrato para um novo mundo" (2021), Casa da Luz, São Paulo; "Mutirão", Now here (2021), Lisboa; "The Land of no evil" (2019), Off Shoot Gallery, Londres; Infinitess (2019), Lazy Susan Gallery, Nova York; "Zona de coexistência" (2019), um diálogo com a coleção de Duda Miranda, "Áurea" (2018), LÁFF, Hamburgo e "Procession" (2016), Folley Gallery, Nova York. Possui trabalhos nas coleções: Museu Nacional de Belas Artes – MNBA e Coleção Ricardo Britto.

**Thalita Hamaoui** (São Paulo, 1981) graduated from Fundação Armando Alvares Penteado, in 2006, under the guidance of Sandra Cinto, with a focus on sculpture. She joined study and mentoring groups with important artists such as Bruno Dunley, Marco Gianotti, Rodolpho Parigi and Regina Parra, in addition to having participated, in 2018, in Pivô's artistic residency program. At the beginning of her career, she dedicated a long time to textile printing, an activity that would always influence her. It was with textile design that her organic shapes began to emerge, her main interest being the time-consuming dedication to the drawing and the colors of the dyes.

In 2013, Hamaoui began to focus her research on painting, through watercolor and gouache. However, it was experimenting with oil paint that the artist reached the power of her gestures. In her first works with the medium, elements such as houses and people still formally inhabited the compositions, but always in a secondary way – the landscape completely taken over by nature was already her central character. The landscapes that she still builds today are fantastic, almost delirious, in which organic forms present themselves in intense colors and layers of different textures, creating an intoxicating atmosphere.

Her canvases are normally produced simultaneously, completely covering the walls of the studio. Some take months to be resolved, while others are finalized with great urgency, immediacy. Hamaoui never leaves a work behind. By starting two or three paintings at the same time, she creates a formal dialogue between them, which becomes, in parallel, singular and integral to a whole. In this way, the artist develops an imagery repertoire that is repeated, but also renewed, as if creating a vocabulary of her own within the internal landscapes that are raised in paint. These shapes are alive, always on the verge of transformation, and provoke our eyes to constantly move, wander and circulate fluidly across the surface, without distinguishing figure and background.

Thalita Hamaoui was selected in the 2017 open call of Centro Cultural São Paulo, showing "Um Passo Irreparável", her first solo exhibition. Among other solo shows are "A terra e o devaneio da vontade" (2023), Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba; "Virá", Simões de Assis, Curitiba; "A Borda do Mundo" (2020) at Galeria Nave, and "Oferenda" (2019) at the studio of Marilá Dardot, with critical mentoring by the artist and Cristiana Tejo – both in Lisbon, Portugal. Among collective participations, the following stand out "O mar que eu sou" (2023), Simões de Assis, Balneário Camboriú; "Mãe", 55 SP Espaço Cama, São Paulo; "Mothering" (2022), Kupfer Project, London; "Emotional Landscapes" (2021) curated by Gisela Gueiros; "Um retrato para um novo mundo" (2021), Casa da Luz, São Paulo; "Mutirão", Now here (2021), Lisbon; "The Land of no evil" (2019), Off Shoot Gallery, London; Infinitess (2019), Lazy Susan Gallery, New York; "Zona de coexistência" (2019), in dialogue with the collection of Duda Miranda, "Áurea" (2018), LÁFF, Hamburg and "Procession" (2016), Folley Gallery, New York. She has works in the collections: Museu Nacional de Belas Artes – MNBA and Ricardo Britto Collection.

# SIMÕES DE ASSIS

## **Balneário Camboriú**

3ª avenida, esquina c/ 3150, S 4  
88330-260 sc brasil  
+55 47 3224-4676

## **Curitiba**

al. carlos de carvalho, 2173 A  
80730-200 pr brasil  
+55 41 3232-2315

## **São Paulo**

al. lorena, 2050 A  
01424-006 sp brasil  
+55 11 3062-8980